

**ALÉM DAS TORRES: A NARRATIVA CINEMATOGRAFICA PERSUASIVA
AMERICANA E A SOMBRA DO ESTIGMA ISLAMOFÓBICO APÓS 2001****BEYOND THE TOWERS: THE PERSUASIVE AMERICAN FILM NARRATIVE AND
THE SHADOW OF ISLAMOPHOBIC STIGMA AFTER 2001**Vitória Ignácio Guilherme¹Maria Eduarda Mazza Monteiro²**RESUMO**

O cinema desempenha papel fundamental na formação das percepções sociais e políticas, funcionando não apenas como entretenimento, mas também como uma poderosa ferramenta para a construção e disseminação de valores, ideologias e narrativas que influenciam a compreensão pública sobre temas complexos. Essa capacidade torna o cinema um meio estratégico para moldar opiniões e legitimar ações estatais. Portanto, o presente estudo tem como objetivo analisar o filme *A Hora Mais Escura* para compreender de que formas os Estados Unidos utilizaram a comunicação midiática para transmitir e reforçar seus estigmas após os atentados de 11 de setembro de 2001. O filme articula uma narrativa estadunidense que justifica a ofensiva militar na Ásia Meridional como legítima defesa, difundindo estigmas que reforçam o patriotismo e naturalizam a violência. Apresenta uma dicotomia entre o “bem” ocidental e o “mal” estrangeiro, silenciando críticas à política externa dos EUA. Parte-se do pressuposto de que essa representação moldou o entendimento público sobre terrorismo e guerra, minimizando as consequências humanas e políticas da intervenção. Assim, *A Hora Mais Escura* exemplifica como o cinema pode consolidar consensos sociais e influenciar percepções globais ao mobilizar narrativas culturais alinhadas a interesses geopolíticos. Nesse sentido, o presente estudo busca destacar a importância de uma leitura crítica dessas narrativas para compreender a intersecção entre cultura, política e poder na contemporaneidade, revelando o duplo papel do cinema como entretenimento e instrumento ideológico na construção da memória coletiva e legitimação de políticas estatais.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Islamofobia. Guerra ao terror. Terrorismo. Estados Unidos.

¹ Bacharel de Relações Internacionais na Puc-Campinas – Bolsista de Iniciação Científica FAPESP. E-mail: vitoriaignaciori@gmail.com

² Bacharel de Relações Internacionais na Puc-Campinas. E-mail: duda_mazza@yahoo.com

ABSTRACT

Cinema plays a fundamental role in shaping social and political perceptions, functioning not only as entertainment but also as a powerful tool for constructing and disseminating values, ideologies, and narratives that influence public understanding of complex issues. This capacity makes cinema a strategic medium to shape opinions and legitimize state actions. Therefore, this study aims to analyze the film *Zero Dark Thirty* to understand how the United States used media communication to transmit and reinforce its stigmas following the September 11, 2001 attacks. The film articulates a U.S. narrative that justifies the military offensive in West Asia as legitimate defense, spreading stigmas that reinforce patriotism and normalize violence. It presents a dichotomy between the Western “good” and the foreign “evil,” silencing criticism of U.S. foreign policy. It is assumed that this representation shaped public understanding of terrorism and war, minimizing the human and political consequences of the intervention. Thus, *Zero Dark Thirty* exemplifies how cinema can consolidate social consensus and influence global perceptions by mobilizing cultural narratives aligned with geopolitical interests. In this sense, the present study seeks to highlight the importance of a critical reading of these narratives to understand the intersection between culture, politics, and power in contemporary times, revealing cinema’s dual role as entertainment and ideological instrument in constructing collective memory and legitimizing state policies.

KEYWORDS: Cinema. Islamophobia. War on terror. Terrorism. United States.

INTRODUÇÃO

O dia 11 de setembro de 2001 representou uma ruptura profunda na política externa dos Estados Unidos, desencadeada pelo ataque da Al-Qaeda às Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque. Esse evento não apenas marcou o início de uma nova era nas Relações Internacionais, mas também foi o ponto de partida para um fenômeno complexo de estigmatização de grupos ligados ao Islã. Em particular, a indústria cinematográfica hollywoodiana desempenhou um papel crucial na disseminação de estereótipos socialmente construídos sobre muçulmanos, contribuindo para a perpetuação e legitimação de atitudes islamofóbicas na sociedade ocidental. Essas representações midiáticas reforçaram a ideia de que os muçulmanos seriam uma ameaça, influenciando percepções e comportamentos sociais de forma sistemática (Mediasmarts, 2024).

Neste contexto, a pergunta de pesquisa que orienta este estudo é: *De que forma o filme "A Hora Mais Escura" (Zero Dark Thirty) reflete e legitima a narrativa da "Guerra ao Terror", perpetuando estereótipos islamofóbicos e influenciando a percepção ocidental no pós-11 de setembro?* Essa questão é fundamental para compreender como a indústria cinematográfica atua como instrumento político na construção e manutenção de discursos que justificam ações militares e políticas externas agressivas.

O presente artigo busca analisar, de forma detalhada, o contexto de legitimação da narrativa estadunidense acerca da eficácia de suas ações no combate ao terrorismo, com ênfase no uso político das mídias televisivas e da indústria cinematográfica de Hollywood. Para isso, utilizou-se o estudo de caso do filme "A Hora Mais Escura", que retrata a caçada a Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda e responsável pelo atentado de 2001. Parte-se do pressuposto de que essa produção cinematográfica faz parte de uma estratégia deliberada para justificar a ofensiva militar dos Estados Unidos na Ásia Meridional, por meio da difusão de estigmas islamofóbicos que apresentam o Islã e seus seguidores como ameaças. Além disso, o filme estimula o patriotismo americano e reforça a necessidade da campanha militar conhecida como "Guerra ao Terror", ao mesmo tempo em que legitima a postura agressiva da política externa estadunidense no pós-11 de setembro.

No desenvolvimento do artigo, é explorada a relação histórica dos Estados Unidos com a região da Ásia Meridional, buscando compreender os conflitos que

antecederam a formação do imaginário ocidental sobre o Islã. Essa análise histórica é fundamental para identificar como os estereótipos sobre a comunidade islâmica foram construídos e continuam sendo perpetuados pela indústria cinematográfica da principal potência ocidental. Em seguida, examina-se o cinema enquanto ferramenta política, destacando sua capacidade não apenas de reproduzir cenários, mas de construir significados e influenciar percepções. Segundo Gerbner (1969), o consumo midiático molda as concepções dos espectadores sobre a realidade social, fazendo com que as narrativas exibidas na mídia e no cinema sejam interpretadas como referências legítimas para o entendimento do mundo (Sousa, 2014).

Dessa forma, observa-se que as produções estadunidenses a partir de 2001 utilizaram o cinema e a mídia para articular sua política externa, consolidando o discurso de que o Oriente, em especial a Ásia Meridional, representa uma ameaça à segurança e aos valores da sociedade ocidental e do mundo. O artigo analisou como essa representação contribuiu para a construção e manutenção de preconceitos e estereótipos islamofóbicos, que têm impacto direto na forma como os muçulmanos são percebidos e tratados no Ocidente.

Para aprofundar essa análise, o estudo foca em "A Hora Mais Escura", que privilegia exclusivamente a perspectiva americana na busca por Osama Bin Laden, ignorando as complexidades políticas, sociais e culturais da Ásia Meridional. Essa abordagem simplista reforça estigmas e contribui para a construção de uma narrativa unidimensional. Além disso, a narrativa do filme pode ser interpretada como uma forma de difamação, na qual os muçulmanos são apresentados como antagonistas caóticos, enquanto o herói branco americano assume o papel de salvador que restaura a ordem. Essa dinâmica confirma a tese de que a mídia ocidental, por meio de produções cinematográficas, perpetua estereótipos islamofóbicos que sustentam e fortalecem a Guerra ao Terror como uma campanha militar contínua (Bayraktaroglu, 2014, p. 348). Essa análise interdisciplinar contribui para uma compreensão mais ampla das relações internacionais contemporâneas e dos mecanismos de construção de narrativas políticas por meio da cultura e dos meios de comunicação.

O artigo está organizado em quatro seções principais que estruturam a análise proposta. A primeira seção, "11 de setembro de 2001: Da devastação à guerra", contextualiza o impacto do ataque às Torres Gêmeas, abordando suas consequências imediatas e o início da "Guerra ao Terror", além de discutir como esse evento alterou profundamente a política externa dos Estados Unidos e a percepção ocidental sobre

o Islã. Na segunda seção, “O cinema como ferramenta política”, explora-se o papel do cinema na construção e disseminação de narrativas políticas, destacando sua capacidade de influenciar a opinião pública e moldar significados sociais, com base em teorias de comunicação e estudos de mídia. A terceira seção, “A dissipação da islamofobia”, analisa os processos históricos e culturais que contribuíram para a formação e perpetuação de estereótipos islamofóbicos no Ocidente, enfatizando o papel da mídia e da indústria cultural nesse fenômeno. Por fim, a quarta seção, “Análise de ‘A Hora Mais Escura’”, realiza um estudo detalhado do filme, examinando como sua narrativa reflete e legitima a política estadunidense no combate ao terrorismo, perpetuando estereótipos e influenciando a percepção ocidental sobre o Islã e os muçulmanos no contexto pós-11 de setembro. Essas seções, articuladas, permitem uma compreensão abrangente da relação entre cinema, política externa e estigmatização social.

11 DE SETEMBRO DE 2001: DA DEVASTAÇÃO À GUERRA

O término da Guerra Fria (1947-1991) representou o fim da ordem bipolar que dominou as Relações Internacionais por quase meio século, abrindo caminho para uma configuração multipolar mais complexa. A partir da década de 1990, os conflitos passaram a transcender as tradicionais disputas entre Estados, envolvendo também tensões internas entre classes sociais, grupos étnicos e identitários, refletindo lutas por justiça social e direitos humanos (Wellausen, 2002, p. 86 apud Silva; Rosa, 2015, p. 111). Um exemplo emblemático dessa transformação foi a Guerra Civil na ex-Iugoslávia (1991–1995), marcada por um forte componente étnico-religioso, na qual as diferenças entre os diversos povos que compunham o Estado artificialmente criado após a Primeira Guerra Mundial foram exacerbadas, resultando em violência extrema, limpeza étnica e graves violações de direitos humanos, especialmente na Croácia e na Bósnia-Herzegovina (Aguilar; Mathias, 2015).

Nesse contexto, o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 representou um ponto de inflexão decisivo, simbolizando a ascensão de conflitos assimétricos protagonizados por atores não estatais que desafiaram as estruturas tradicionais do Sistema Internacional. Esse evento impulsionou a “Guerra ao Terror”, que redefiniu as prioridades globais de segurança, ampliando o foco das disputas para além das fronteiras estatais e intensificando a polarização cultural e religiosa, especialmente

contra populações muçulmanas. Assim, o pós-11 de setembro inaugurou uma nova era nas Relações Internacionais, marcada por conflitos multifacetados que combinam dimensões ideológicas, sociais e políticas, exigindo abordagens mais abrangentes para a compreensão e resolução das disputas globais.

As Relações Internacionais, antes marcadas pela dicotomia Leste-Oeste, passaram a ser verticalizadas, não mais divididas entre “esquerda” e “direita”, mas sim entre hemisférios Norte e Sul, originando a distinção entre os “de cima” e os “debaixo”. Essa fragmentação impactou também o cenário doméstico dos Estados, favorecendo a formação de coalizões sociais — grupos de indivíduos com afinidades específicas — e estimulando o surgimento de fanatismos em torno de determinadas causas derivadas dessas identidades coletivas (Wellausen, 2002).

No que diz respeito à identidade coletiva, é importante compreender que sua consolidação não implica uniformidade entre os indivíduos que a compõem. Conforme Wellausen (2002, p. 94) destaca, as organizações revolucionárias exigem que seus membros abandonem interesses pessoais e laços afetivos para se dedicarem inteiramente à causa comum: “tudo nele deve se resumir a um só pensamento, uma só paixão – a Revolução!”. Esse fenômeno, que marcou o final do século XX e início do século XXI, foi responsável por inúmeros episódios violentos “em nome da causa”, com destaque para o 11 de setembro de 2001 — a “manhã que parou o mundo”.

Naquele dia, o mundo testemunhou um dos eventos mais impactantes da história recente: os ataques coordenados da Al-Qaeda contra símbolos centrais do poder estadunidense. Dezenove membros da organização fundamentalista sequestraram quatro aviões comerciais para expor a vulnerabilidade da maior potência mundial e manifestar a indignação de seu líder, Osama Bin Laden, contra a presença militar dos EUA na Arábia Saudita — país que abriga as cidades sagradas de Meca e Medina, fundamentais para o Islã (BBC, 2021). Dois aviões colidiram contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, símbolo do poder econômico e financeiro dos Estados Unidos; o terceiro atingiu parcialmente o Pentágono, sede do Departamento de Defesa; e o quarto, possivelmente direcionado a Camp David ou à Casa Branca, foi derrubado por passageiros que resistiram aos sequestradores, caindo em um campo na Pensilvânia (Wellausen, 2002 apud Silva; Rosa, 2015).

Os ataques resultaram na morte de aproximadamente 3.000 pessoas — incluindo civis, passageiros, tripulantes, socorristas e os próprios terroristas — e deixaram milhares de feridos. Essa tragédia, considerada o ataque com maior número

de vítimas da história, alterou profundamente o curso das Relações Internacionais (BBC, 2021).

A resposta dos Estados Unidos foi multifacetada, ultrapassando a esfera militar direta na Ásia Meridional. A retórica do governo de George W. Bush, que lançou a campanha militar da “Guerra ao Terror”, impulsionada pela indústria bélica e pelo aparato governamental, não apenas justificou invasões na região, mas também alimentou a islamofobia em diversas camadas sociais. Essa narrativa serviu para consolidar a Pax Americana e legitimar ações controversas, incluindo atrocidades cometidas sob o pretexto da “defesa preventiva”. Tal lógica permitia ataques a países considerados ameaças potenciais, mesmo sem evidências concretas, resultando em violações de direitos humanos e instaurando um clima de medo e desconfiança cujos efeitos persistem até hoje.

O CINEMA COMO FERRAMENTA POLÍTICA

Apesar do aumento significativo do uso da mídia para fins políticos durante a Guerra ao Terror, essa relação é histórica, conforme destaca Osman (2022, p. 370), que afirma que “a mídia dos EUA tem uma longa história de integração na máquina de relações públicas de guerra do governo”, com especial ênfase no conteúdo cinematográfico. A indústria de Hollywood foi, de fato, construída em parceria com o governo estadunidense para difundir seus valores e crenças, contribuindo para a formação do imaginário coletivo do American Dream (Heidbrink; Noël, 2016).

O estudo pioneiro de Gerbner (1969), que originou a Teoria do Cultivo ou Teoria da Enculturação, é fundamental para entender a conexão entre o início da Guerra ao Terror no governo Bush e a transformação na forma como os meios de comunicação e a indústria cinematográfica retratam as populações muçulmanas, perpetuando estereótipos islamofóbicos na mídia ocidental. Essa teoria investiga os efeitos prolongados do consumo de conteúdo midiático na percepção da realidade social, especialmente por meio da televisão, partindo da hipótese de que “as pessoas que passam mais tempo assistindo televisão têm maior probabilidade de perceber o mundo real da maneira mais comumente retratada nas mensagens televisivas” (Gerbner, 1969 apud Stacks, 2015).

Stacks (2015) analisa a televisão como um sistema de mensagens que influencia a visão de mundo e o comportamento social dos espectadores. Por

exemplo, um consumidor frequente de notícias e conteúdos violentos tende a enxergar o mundo como mais perigoso do que realmente é (Davie, 2010). Isso confirma que a mídia não apenas influencia seus telespectadores, mas também estabiliza padrões sociais e induz resistência a mudanças na sociedade (Gerbner, 1969 apud Perera, 2023).

Nesse contexto, a mídia passou a desempenhar um papel significativo na comunicação das ações do governo dos Estados Unidos e na promoção de seus objetivos de política externa. No campo cinematográfico, Heidbrink e Noël (2016) destacam que “os filmes de Hollywood não unem apenas uma nação em torno dos valores e representações geopolíticas dos Estados Unidos, mas também do mundo inteiro”, evidenciando a eficácia do cinema como ferramenta política e social. Após o 11 de setembro, consolidou-se uma relação direta entre departamentos governamentais, especialmente aqueles ligados à guerra e à segurança nacional, e a indústria cinematográfica de Hollywood. As produções midiáticas começaram a retratar os Estados Unidos como defensores da democracia, exaltando o papel do exército e sua luta contra o terrorismo, ao mesmo tempo em que difundiam valores típicos do país, como a liberdade, em um contexto marcado pelo impacto duradouro dos ataques e dos temores que eles geraram (Mueller, 2021, p. 4).

Assim, ao relacionar cinema, política e o 11 de Setembro, observa-se um crescimento expressivo na representação de estereótipos islamofóbicos na mídia mainstream e em Hollywood. Gandhi (2021, p. 2) destaca o filme “Argo”, dirigido e protagonizado por Ben Affleck, que retrata muçulmanos como portadores de sentimentos violentos e antiamericanos, com imagens de iranianos que aterrorizam americanos e agem de forma bárbara. Essa representação contribui para desumanizar árabes e muçulmanos, reforçando-os como “bárbaros, indivíduos violentos, ameaçadores, antidemocráticos e tacanhos em filmes e programas de televisão americanos” (Gandhi, 2021, p. 4).

A DISSIPAÇÃO DA ISLAMOFOBIA

De acordo com a Organização das Nações Unidas (2020), islamofobia é definida como:

o medo, preconceito e ódio contra muçulmanos [...] que leva à provocação, hostilidade e intolerância [...] motivado por hostilidade

institucional, ideológica, política e religiosa, ultrapassando o racismo estrutural e cultural, e mirando os símbolos e marcadores de ser muçulmano (UN, 2020).

O preconceito contra os islâmicos configura-se como um problemático estrutural presente na sociedade ocidental desde os primeiros contatos e tentativas, muitas vezes falhas, de compreensão da Ásia Meridional. Contudo, uma das formas mais eficazes de perpetuar essa islamofobia estrutural é por meio da representação midiática desse grupo étnico. Nos Estados Unidos, especialmente na indústria cinematográfica, povos da Ásia Meridional são frequentemente retratados através de estereótipos prejudiciais à comunidade islâmica, nos quais “os homens são considerados figuras marginais e culturalmente atrasadas, associadas à misoginia, violência e raiva” (Child, 2021). O autor adverte que “pode ser perigoso se a mídia perpetuar conceitos comuns como o de que muçulmanos são terroristas, os homens muçulmanos são misóginos, as mulheres muçulmanas são oprimidas e o Islã é uma ameaça ao Ocidente”.

Ao analisar a violência motivada pela islamofobia, definida como “[...] qualquer crime percebido [...] como motivado total ou parcialmente por hostilidade ou preconceito baseado na religião de uma pessoa, ou seja, sua religião muçulmana (Awan; Zempi, 2020, p. 3)”, torna-se fundamental considerar o contexto histórico das produções cinematográficas que abordam o Islã. Antes do trágico 11 de setembro de 2001, quando a Al-Qaeda atacou as Torres Gêmeas do World Trade Center em Nova Iorque, a presença da população muçulmana em Hollywood era rara. Contudo, após esse evento e com o início da “Guerra ao Terror” — campanha militar impulsionada pelo governo e pela indústria bélica dos EUA — a representação desse grupo passou a ganhar destaque em filmes e séries. Segundo o Canada’s Centre for Digital Media Literacy (2021) “os acontecimentos de 11 de setembro colocaram o Islã na vanguarda dos meios de comunicação social globais: não só a cobertura do Islã aumentou drasticamente [...] como também mudou a forma como o Islã foi enquadrado pelos meios de comunicação social”.

Bayraktaroglu (2014) observa um crescimento exponencial da presença de elementos árabes e da Ásia Meridional na indústria hollywoodiana. Entre 2001, logo após o 11 de setembro, e 2008, antes da crise imobiliária, apenas 12 de 100 obras analisadas não continham qualquer referência à Ásia Meridional (Michalak, 2010 Apud Bayraktaroglu, 2014, p. 347). Essa estatística evidencia a relação direta entre a

perpetuação de estereótipos islamofóbicos na mídia ocidental e o início da Guerra ao Terror liderada pelos Estados Unidos, já que o fortalecimento dessa campanha militar também implicou uma mudança na forma como os meios de comunicação e a indústria cinematográfica retratam as populações muçulmanas.

Essa tendência é particularmente visível nas produções midiáticas da década de 2000, que frequentemente apresentam atos violentos — classificados como terroristas — cometidos por personagens muçulmanos ou oriundos da Ásia Meridional, os quais devem ser contidos pelo herói estadunidense. Tal narrativa reforça a perspectiva americana, onde “o muçulmano é submetido a um processo extremo de difamação que exige o envolvimento justificado do herói protagonista branco para restaurar a ordem a partir do caos” (Bayraktaroglu, 2014, p. 348).

Além disso, Hollywood promove uma dicotomia simplista baseada no conceito de “nós contra eles”, corroborando a tese de Sousa (2014), que aponta o cinema como um agente catalisador na construção de valores, ideias e ideologias acerca do “eu e o outro”. Assim, a grande maioria dos roteiros estadunidenses pós-11 de setembro apresenta a Ásia Meridional como uma ameaça à civilização ocidental. No contexto internacional e da Guerra ao Terror, a representação midiática não apenas estereotipa essa população, mas também retrata o Islã como um problema e obstáculo em escala global (Cesari, 2004).

Por fim, à luz da “Teoria do Cultivo” ou “Teoria da Enculturação” de George Gerbner (1969), que demonstra como a exposição prolongada à televisão influencia a percepção social dos telespectadores, confirma-se que “[...] tais mudanças na representação do muçulmano, como afirma Browne (1989), podem nos ensinar mais sobre a cultura americana do que sobre o Oriente” (Browne, 1989 Apud Bayraktaroglu, 2014, p. 358).

ANÁLISE DE “A HORA MAIS ESCURA”

Dirigido por Kathryn Bigelow e roteirizado por Mark Boal em 2012, o suspense histórico hollywoodiano “A hora mais escura” (*Zero Dark Thirty*) retrata a caçada de Osama Bin Laden por agentes de inteligência dos Estados Unidos após os ataques de 11 de Setembro e a subsequente invasão militar que o matou dez anos depois, em 2011, de maneira a construir uma narrativa a partir do depoimento de testemunhas

que supostamente participaram dos eventos relatados, conforme é registrado na cena de abertura do filme.

O filme obteve um alcance de bilheteria global admirável quando comparado a outras produções do mesmo tema, com um orçamento de 40 milhões de dólares e um retorno mundial de um pouco mais de 132 milhões. “A hora mais escura” foi amplamente aclamado pela crítica especializada, com um percentual de 95% de aprovação no *Metacritic* e 91% no *Rotten Tomatoes*. Além disso, o longa foi indicado a diversas premiações, como o Oscar e o Globo de Ouro, no qual a protagonista recebeu o prêmio de melhor atriz (Ayang, 2018, p. 100). Entretanto, apesar de sua disseminação global ter sido aprovada por grande parte do público, faz-se igualmente importante destacar as falhas da produção.

A obra expõe a obsessão da personagem Maya, agente da *Central Intelligence Agency* (CIA) em capturar Osama Bin Laden, rastreando-o através de mensageiros e coletando informações pelo uso de torturas físicas e psicológicas, a fim de construir sua rede de informações investigativas. Através da narrativa da personagem, a obra retrata os eventos envolvidos no processo de caça a Bin Laden, dando ênfase à elementos que compadecem e emocionam o telespectador, fomentando o senso de justiça e incitando aversão aos personagens supostamente ligados ao grupo fundamentalista islâmico *Al-Qaeda* através de uma representatividade equivocada. Ainda sobre a interpretação de Jessica Chastain, é possível identificar mensagens subliminares em relação à posição das mulheres na América – livres, estudiosas, bem-sucedidas – enquanto na Ásia Ocidental são retratadas como indefesas, solitárias e obedientes:

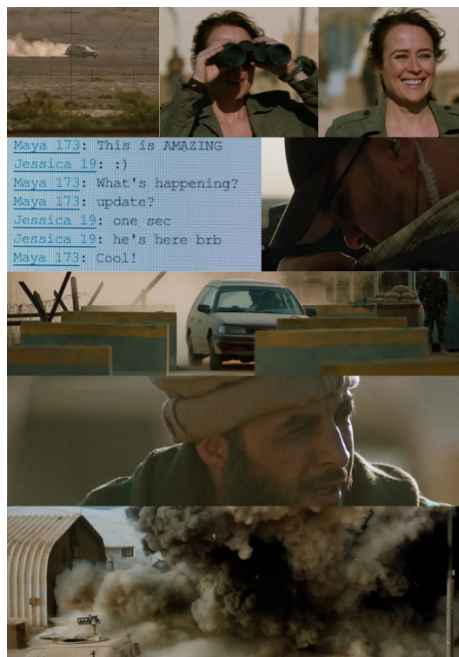
Figura 1. Representação das mulheres



Fonte: Elaboração própria com base nas cenas do filme

Outro elemento que merece destaque, é o encontro da agente Jéssica com um médico jordaniano que se comprometeu a cooperar de boa-fé com a CIA, entretanto, no ato do encontro o personagem se sacrifica e não por acaso evidencia algo crucial: a ameaça do filme não possui um rosto óbvio. A cena induz o telespectador a narrativa de que qualquer um que apresente as características visuais associadas ao islã – especialmente trajes – pode ser compreendido como um risco iminente à segurança.

Figura 2. O encontro com o médico jordaniano



Fonte: Elaboração própria com base nas cenas do filme

No que diz respeito à imprevisibilidade do inimigo, há uma cena em que o agente Dan entra na sala de seu suposto superior hierárquico e o encontra em oração, realizando um dos cinco Salat — as orações diárias do Islã. Dan o cumprimenta com a expressão "Salaam Aleikum", e o personagem chamado Wolf responde "Alaikum As-Salaam". Essa cena apresenta várias questões importantes. Destaca-se a presença da bandeira norte-americana no ambiente, o que sugere a ideia de que a influência islâmica está presente dentro da própria sociedade americana, transmitindo a mensagem de que "eles estão entre nós". O aparente desconforto no rosto de Dan antes do cumprimento reforça essa narrativa de desconfiança.

No entanto, a representação da oração traz estigmas e imprecisões sobre a prática do Salat. Na tradição islâmica, o Salat deve ser realizado após uma purificação ritual, que inclui a higienização do fiel. Além disso, o fiel deve respeitar a divindade adorada, o que implica remover os sapatos e garantir que a oração não seja interrompida. Esses elementos essenciais não são respeitados na cena, o que contribui para uma representação estigmatizada e imprecisa da prática religiosa:

Figura 3. Wolf praticando o *Salat*



Fonte: Elaboração própria com base nas cenas do filme

Não obstante, um tópico fundamental a ser mencionado é a produção do filme não ter ocorrido no Paquistão, local onde foi realizada a caçada à Bin Laden. Pode-se considerar tal fato, no mínimo, curioso, uma vez que a narrativa da história se dá nas bases da inteligência estadunidense localizadas no país, mas foi gravada quase que inteiramente na Índia (Ayang, 2018). Nesse sentido, é importante analisar atentamente as representações apresentadas no enredo do filme, uma vez que, conforme demonstrado na cena de abertura, a narrativa foi construída “baseada em fatos reais”. Apesar dessa característica conceber credibilidade à história, é fundamental interpretá-la de forma crítica, pois, essa informação também demonstra aos telespectadores que toda a obra baseia-se em interpretações da realidade feitas por terceiros.

O ex-escritor do jornal *The Guardian*, Jon Boone, preocupou-se em questionar as razões pelas quais o Paquistão decidiu não exibir “*Zero Dark Thirty*” nos cinemas nacionais. Entre as colocações, o jornalista paquistanês entrevistado, Wajahat Khan, declarou-se confuso com a presença da população paquistanesa conversando entre si através da língua árabe, destacando: “é um péssimo serviço à complexidade da

sociedade [...] Esta sociedade pode ter abrigado Bin Laden, mas não é o quintal de uma mesquita local em Jeddah – cidade na Arábia Saudita” (Boone, 2013). Além de uma interpretação intrinsecamente ocidental e estereotipada, o filme não se mantém atrelado à realidade. Há uma cena em que o carro da protagonista é alvejado por homens armados, esse ocorrido aconteceu diversas vezes com os funcionários estadunidenses em Peshawar, mas não existem registros disso em Islamabad – local onde a obra é ambientada (Ibid, 2013).

Todas essas incoerências com a realidade dos fatos oferecem risco à realidade, pois a legitimidade atrelada a uma narrativa enviesada pode fomentar desacordos entre as sociedades envolvidas no enredo. Como exemplo de conflitos advindos de informações incorretas difundidas pelos Estados Unidos no Paquistão, pode-se mencionar a criação do programa de vacinação contra a Hepatite B – apresentado à população como campanha de anti-poliomielite – para coletar o DNA da família de Bin Laden, também retratada pelo filme:

Figura 4. Agente CIA infiltrado como agente de saúde



Fonte: Elaboração própria com base nas cenas do filme

Tal cena pode ser considerada um exemplo do uso da mídia pelo governo dos Estados Unidos como maneira de justificar suas ações e atingir seus objetivos de política externa, além de legitimar o projeto da Guerra ao Terror. É explícita a desmoralização do trabalho dos agentes de saúde responsáveis por garantir assistência médica à população, demonstrando aos espectadores o uso de trabalhadores humanitários para a coleta de informações secretas, que de fato confirmaram a localização de Osama Bin Laden – mais uma vez justificando suas ações cruéis por um resultado considerado “positivo” para o governo norte-americano. Além disso, é importante ressaltar que, como resultado da “campanha de vacinação”, houve a potencialização de tensões nas regiões do Paquistão controladas pelo Talibã, de maneira a desencadear a desconfiança da população para com os agentes da saúde e a proibição da erradicação da poliomielite nas áreas de controle. Mais tarde, em Dezembro de 2012, houve o assassinato de seis enfermeiros, os quais vacinavam contra a poliomielite, por homens armados (Boone, 2013).

O lançamento de um filme como “A hora mais escura”, coberto de mensagens subliminares e representações estereotipadas sobre populações árabes não só demonstra o imaginário estadunidense, mas também funciona como ferramenta de legitimação de suas ações passadas através da justificativa de que, se algo errado foi cometido, foi por um bem maior – matar Osama Bin Laden e livrar os Estados Unidos da ameaça iminente que os muçulmanos representam para o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O 11 de Setembro de 2001, marcado pelo ataque às Torres Gêmeas do *World Trade Center*, foi um evento crucial no que tange às Relações Internacionais a partir do século XXI. A fim de compreender o contexto de legitimação da construção do discurso estadunidense em relação à sua eficiência no combate ao terrorismo, é necessário dar enfoque no uso político das mídias televisivas e de *Hollywood*, por meio da indústria cinematográfica. Utilizando a “Teoria da Enculturação”, de Gerbner, é possível compreender que a mídia não só tem a capacidade de influenciar os telespectadores, mas também consegue estabilizar padrões sociais, como é possível verificar nos casos de islamofobia. A partir do incidente ocorrido em 11 de Setembro, foi possível observar um crescimento significativo da islamofobia nos Estados Unidos

e ao redor do mundo, intensificado pela propaganda da Guerra ao Terror e pela disseminação de estereótipos negativos sobre povos islâmicos, aumentando os ataques e a discriminação contra essa comunidade. Os Estados Unidos, em especial sua indústria cinematográfica, tem feito a caracterização de povos da Ásia Ocidental através de estereótipos nocivos à comunidade islâmica como maneira de legitimar sua política externa focada no projeto militar da Guerra ao Terror.

A obra “*Zero Dark Thirty*”, lançada em 2012, exemplifica os mecanismos que a indústria cinematográfica estadunidense se utiliza a fim de influenciar a percepção pública sobre a questão do terrorismo, colocando-o como interesse nacional vital. O filme narra a caçada e morte de Osama bin Laden, líder da *Al-Qaeda*, retratando a tortura como uma prática eficaz na obtenção de informações que eventualmente levaram à localização de Bin Laden. Considerando a Teoria da Enculturação, fica explícito que a narrativa exibida pelo filme contribuiu, de fato, para a perpetuação de estereótipos islamofóbicos na mídia ocidental a partir da Guerra ao Terror, destacando o fato de que o fortalecimento dessa campanha militar ao decorrer dos anos também representou uma mudança na maneira a qual os meios de comunicação e a indústria cinematográfica abordam e estereotipam as populações da Ásia Ocidental. Por fim, é importante destacar que *Zero Dark Thirty* demonstra a violação dos direitos humanos de forma ambígua, sem um julgamento explícito sobre a moralidade dos métodos utilizados. Dessa maneira, a narrativa constrói um discurso no qual as práticas estadunidenses são normalizadas ou até justificadas em prol da segurança nacional e da luta contra o terrorismo. Isso reflete a forma como, para os Estados Unidos, a questão dos direitos humanos muitas vezes passa despercebida ou é relativizada quando se trata de legitimar seus atos no contexto da Guerra ao Terror.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, S. L. C.; MATHIAS, A. L. T. C. Identidades e diferenças: o caso da guerra civil na antiga Iugoslávia. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, n. 8, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10494>.

A HORA MAIS ESCURA. Direção: Kathryn Bigelow. Produção: Kathryn Bigelow. Intérpretes: Jessica Chastain, Jason Clarke. Roteiro: Mark Boal. Estados Unidos da América: Columbia Pictures, 2012. 1 DVD (157 min), son., color., 35 mm. Também disponível em streaming.

ATENTADOS de 11 de Setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21. **BBC**, 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>. Acesso em: 4 abr. 2024.

AWAN, Imran; ZEMPI, Irene. **A Working Definition of Islamophobia: A Briefing Paper**. Preparation for the report to the 46th Session of Human Rights Council, nov. 2020. Disponível em: <https://www.ohchr.org/sites/default/files/Documents/Issues/Religion/Islamophobia-AntiMuslim/Civil%20Society%20or%20Individuals/ProfAwan-2.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

AYANG, Lidiane Pereira. **Cinema e Relações Internacionais: uma análise do filme “A hora mais escura” como ferramenta de soft power estadunidense para a guerra ao terror (2001-2011)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2018.

BAYRAKTAROGU, Kerem. The Muslim Male Character Typology in American Cinema Post-9/11. **Digest of Middle East Studies (DOMES)**, v. 23, n. 2, p. 345-359, 24 out. 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/dome.12054/>. Acesso em: 5 abr. 2024.

BOONE, Jon. Zero Dark Thirty: the view from Pakistan. **The Guardian**, 27 jan. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/jan/27/zero-dark-thirty-view-from-pakistan>. Acesso em: 1 abr. 2024.

CESARI, Jocelyne. Islam as Stigma. In: —. **When Islam and Democracy Meet: Muslims in Europe and in the United States**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1057/9781403978561_3. Acesso em: 9 abr. 2024.

CHILD, David. Tired of Muslim ‘terrorists’, charity tackles cinema stereotypes. **Al Jazeera**, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/4/13/uk-charity-tackles-muslim-stereotypes-on-screen>. Acesso em: 9 abr. 2024.

DAVIE, G. Cultivation Theory: How Violence Might Affect Us. **Mass Communication Theory**, 12 mar. 2010. Disponível em: <https://masscommtheory.com/theory-overviews/cultivation-theory/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

GANDHI, Insiya. Reel to Real: Harmful Stereotypes of Arabs and Muslims in American Film and Television. **Rhētorikós: Excellence in Student Writing**. Fordham University, 2021. Disponível em: <https://rhetorikos.blog.fordham.edu/?p=1738#>. Acesso em: 9 abr. 2024.

HEIDBRINK, Lino; NOËL, Marion. Hollywood, une expression de la puissance des États-Unis. **Classe Internationale**, 7 nov. 2016. Disponível em: <https://classe-internationale.com/2016/11/07/hollywood-une-expression-de-la-puissance-des-etats-unis/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

INTERNATIONAL Day to Combat Islamophobia. **United Nations**. Disponível em: <https://www.un.org/en/observances/anti-islamophobia-day>. Acesso em: 8 abr. 2024.

MEDIA Portrayals of Religion: Islam. **MediaSmarts – Canada’s Centre for Digital Media Literacy**. Disponível em: <https://mediasmarts.ca/diversity-media/religion/media-portrayals-religion-islam>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MUELLER, John. Public Opinion on War and Terror: Manipulated or Manipulating? **Cato Institute**, Washington, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cato.org/white-paper/public-opinion-war-terror>. Acesso em: 13 abr. 2024.

OSMAN, Wazhmah. Building Spectatorial Solidarity against the ‘War on Terror’ Media-Military Gaze. **International Journal of Middle East Studies**, v. 54, n. 2, p. 369–375, 4 jul. 2022.

PERERA, Ayesh. Cultivation Theory In Media. **SimplyPsychology**, 7 set. 2023. Disponível em: <https://www.simplypsychology.org/cultivation-theory.html>. Acesso em: 9 abr. 2024.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, C. R. V.; ROSA, P. R. Atuação dos EUA pós 11 de setembro de 2001: legítima defesa ou agressão ilegítima? **Revista da Faculdade de Direito da UFMG**, Belo Horizonte, n. 67, p. 105-123, jul./dez. 2015.

SOUSA, R. R. Guerra ao terror, geopolítica, representações e paisagens no cinema estadunidense após 11 de setembro de 2001. **Ensaio de Geografia**, v. 2, n. 4, p. 50-66, 23 maio 2014. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/36256/20954. Acesso em: 11 abr. 2024.

STACKS, Don W. Media Effects. In: **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**. Orlando: Elsevier, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/topics/social-sciences/cultivation-theory>. Acesso em: 14 abr. 2024.

WELLAUSEN, Saly da Silva. Terrorismo e os atentados de 11 de setembro. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 83-112, out. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12384/14161>. Acesso em: 12 abr. 2024.

ZERO Dark Thirty. **Rotten Tomatoes**, s.d. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/zero_dark_thirty. Acesso em: 12 abr. 2024.